

# A INTERSECCIONALIDADE ENTRE A MATERNIDADE E A ACADEMIA: O RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA MÃE SOLO NEGRA E ALUNA NO IFTO CAMPUS PORTO NACIONAL

Verônica da Costa Reis autora<sup>1</sup>, Sônia Eduardo de Moraes autora<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Estudante do Curso Superior de Licenciatura em Pedagogia– IFTO. Bolsista do Programa de Iniciação à Docência IFTO. e-mail: veronica.reis2@estudante.ifto.edu.br

<sup>2</sup>Ma Docente do Curso Superior de Licenciatura em Pedagogia do IFTO. Orientadora. e-mail:sonia.morais@ifto.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é uma autobiografia que narra a trajetória de uma mulher negra, mãe solo de três crianças com idades entre 3 e 14 anos, estudante do Instituto Federal do Tocantins - IFTO, e suas vivências no ensino superior a partir da interseção entre maternidade, raça e gênero. A metodologia utilizada é a autobiografia, onde narro minhas vivências e experiências no IFTO enquanto estudante negra e mãe solo. Este trabalho busca uma compreensão desta experiência e busca pela democratização dos espaços acadêmicos e promoção de equidade.

Ao longo da narrativa abordo os múltiplos desafios que a interseção entre maternidade e academia provocam, sobretudo para mães solas, que sem rede de apoio precisam inserir seu(s) filho(s) no contexto da instituição. Os dilemas cotidianos entre trazer ou não a criança, a qualidade da aprendizagem da aluna-mãe que estuda e cuida da criança simultaneamente, os preconceitos que mães solas enfrentam e no caso de mãe solo e negra, o preconceito é duplo.

A autobiografia nesse contexto, não é somente expressão pessoal, mas uma potente ferramenta de resistência, oferecendo lugar de fala a quem por vezes foi silenciada pela sociedade. Este trabalho visa transformar o ambiente acadêmico num espaço mais humano e acolhedor, que embora não planejado para atender o perfil de aluno como mães adapte-se e promova políticas de inclusão e permanência deste grupo.

## 2 OBJETIVO

Relatar a interseccionalidade entre maternidade e academia e maneira como isto reflete na vida acadêmica da aluna que é mãe.

### Específicos:

- Descrever como essa aluna vivencia a instituição e como ele se vê nesse contexto.
- Contribuir para que a academia esteja cada vez mais disposta a atender melhor alunas que se encaixem nesse perfil e que com isso as políticas de permanência sejam pensadas também para esse grupo.
- Explorar a importância da autobiografia como ferramenta de resistência, empoderamento e autoafirmação.

## 3 MATERIAL E MÉTODOS

Este foi construído por meio de abordagem qualitativa, a pesquisa se fundamenta na autobiografia, que, segundo Abrahão (2004), o sujeito desvela para si mesmo e se revela para os outros, construindo uma narrativa auto relevante carregada de significado

Desta forma, o pesquisador pode explorar suas próprias experiências e percepções como objeto de estudo e reflexão. A metodologia inclui também uma pesquisa bibliográfica sobre os conceitos

que ancoraram este trabalho. A análise de caráter crítico é focada nas teorizações sobre feminismo negro e educação antirracista.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A minha história de mãe e estudante inicia-se quando passei pela primeira vez num vestibular, na UFT quando cursei Letras, até metade do curso eu estava num relacionamento e tinha rede de apoio pois ele ficava com a criança para eu estudar, mas o relacionamento era tóxico e acabou, fiquei sem rede de apoio, com uma criança pequena que eu deixava com a vizinha quando a minha irmã não podia ficar com ela. Não conclui o curso porque foi ficando cada vez mais difícil sozinha, conciliar os cuidados com uma criança pequena, trabalho e faculdade, eu me culpava por naquele momento não conseguir ser boa mãe, boa aluna e boa funcionária.

Mas não desisti da tão sonhada graduação, anos depois passei em Licenciatura em Pedagogia no IFTO Campus Porto Nacional, mas agora minha realidade era ainda mais difícil, entrei no curso sendo mãe um bebê de 10 meses, 1 uma criança de 6 anos e uma pré-adolescente de 11 anos, tinha dias que eu tinha com quem deixá-los, mas haviam dias que eu precisava levar os três, se uma criança as vezes incomoda, e a gente nota o olhar atravessado do professor que não entende o motivo da criança estar ali, imagine três, mas segui ora os trazendo, ora os deixando com quem pudesse ficar com eles para eu poder estudar.

A decisão de levar meus filhos para atividades acadêmicas foi, ao mesmo tempo, uma necessidade prática e uma escolha política. Ao fazer isso, afirmo que a maternidade negra não é incompatível com a produção do conhecimento. Como afirma Gonzalez (1988), romper com os padrões excludentes exige "inserir-se no espaço que nos nega, ressignificando-o".

Estudar no ensino superior sendo mãe solo de três filhos, hoje com idades de 3, 9 e 14 anos é um exercício diário de resistência. Minha presença no IFTO é marcada por deslocamentos entre a sala de aula e o espaço doméstico, onde sou chefe de uma família, ao qual estou sempre negociando horários, prazos e afetos. É um rasgar-se e remendar-se cotidiano, se por um lado sou uma aluna em busca de uma realização pessoal, por outro sou uma mãe que faz escolhas e renúncias para realizar o sonho e futuramente dar aos filhos possibilidade de uma vida tranquila. Nem sempre dá para levá-los e quando dá a logística tem que ser toda pensada no bem-estar deles.

A interseccionalidade entre a maternidade e a academia revelam que os desafios para conciliar as funções de mãe, de trabalhadora e de aluna requer de mim abdicar de momentos do crescimento e desenvolvimento dos meus filhos, abrir mão das noites com eles em busca do diploma para que futuramente eles possam somente estudar é o que me motiva, porém sei que não é fácil estar nesse lugar, a luta é diária, estudar assim como maternar requer dedicação e empenho, embora exaustivo, orgulho-me muito do lugar que ocupo. Como afirma hooks (2012, p.51), "a educação como prática da liberdade exige que reconheçamos a pluralidade das experiências humanas no ato de aprender". No entanto, na prática, a diversidade de trajetórias nem sempre encontra reconhecimento institucional. O feminismo negro parte do princípio de que as opressões não são isoladas, mas também interseccionais. Como destaca Lélia Gonzalez (1988), mulheres negras vivem "o racismo por um lado, o sexismo por outro e, no caso das mais pobres, a opressão de classe" de forma simultânea e combinada.

Ao longo do percurso eu ia conseguindo avançar semestres e construindo um novo formato de rede de apoio, não a que se espera (genitor da criança nesse papel), mas a que convivência permitiu acontecer no espaço acadêmico no espaço acadêmico, como o contato com professores que não viam os filhos das alunas como obstáculo, mas como motivação, o próprio campus criou uma rede de apoio incrível que é o Espaço Kids, um local pensado e preparado para receber as crianças das discentes e assim possibilitar que possam deixar as crianças lá enquanto assistem às aulas. Meus filhos menores foram atendidos algumas vezes, o que me possibilitou um certo alívio por saber que eles estavam ali tão próximos e eu podia estudar tranquila.

Com isso, compreendi que poderia integrar a maternidade à rotina acadêmica de uma maneira mais leve, levando meus filhos a alguns encontros ou matriculando os menores no Espaço Kids, que atende crianças de uma determinada faixa etária. Essa iniciativa do campus é um grande avanço na promoção de equidade, pois permite que as alunas-mães sejam assistidas, o que em mim um sentimento de gratidão e de orgulho da instituição a qual escolhi para me graduar. Essa possibilidade de estudar e de trazer as crianças para o instituto deixa o espaço mais humano e acolhedor.

Um episódio marcante ocorreu durante uma aula de História da Educação (2º Período), onde a professora relatou ter vivenciado a universidade também sendo mãe de uma criança pequena, o relato dela de ter vivenciado o que eu e outras estávamos vivenciando, impactou-me profundamente de uma maneira positiva, senti que ouvir alguém que está no lugar que futuramente eu desejo estar e que veio do mesmo lugar em que me encontro e venceu dá uma sensação de "eu também posso, eu também consigo", e isso faz com que encontramos no relato identificação e nos torna representante de outras que virão. Como lembra hooks (2019, p.37), "a representação não é apenas simbólica; ela é uma afirmação de existência e possibilidade". Essa vivência mostrou que práticas pedagógicas que envolvem narrativas sobre pessoas que estiveram em situações parecidas não apenas fortalecem a autoestima do ouvinte, mas também criam vínculos afetivos e que geram o reconhecimento e a sensação de pertencimento.

A maternidade negra, nesse contexto, ocupa um lugar de invisibilidade. Carneiro (2003) aponta que, historicamente, mulheres negras tiveram seu papel social associado ao trabalho e ao cuidado dos filhos dos outros, enquanto sua própria família ficava desassistida. Ao ingressar no ensino superior, mães negras desafiam não apenas estatísticas, mas estruturas que não foram pensadas originalmente para acolhê-las. Desta maneira, ao me inserir neste ambiente, entendi desde os primeiros dias que, ser mãe solo, negra e acadêmica era estar num lugar de representatividade e de ocupar um espaço tão meu, que nunca me questioneei o "porque" estar aqui, mas sobre o "como" estar aqui? Como me inserir nesse espaço e assim fui me apropriando deste lugar físico, do lugar de fala, do lugar de representatividade negra, de representatividade de mãe solo.

Percebi que a educação antirracista não se limita a incluir autores negros no currículo, mas precisa também acolher práticas que questionem normas institucionais sobre quem pertence ao espaço acadêmico. Gomes (2017) enfatiza que combater o racismo nas escolas e universidades é também repensar o próprio funcionamento dessas instituições, tornando-as mais justas e inclusivas.

Minha presença, junto aos meus filhos, provocou diálogos sobre políticas de permanência estudantil para alunas mães, flexibilização de horários e adaptação para acolher estudantes em condições semelhantes. Essa discussão é urgente pois reflete uma realidade vivenciada por grande parte do corpo discente do instituto, segundo Carneiro (2003), "sem condições adequadas, o acesso não se converte em permanência e a exclusão se mantém".

Figura de 1 a 4 - Apresentação em evento, trabalho, filha no IFTO comigo e aula campo



Fonte: Própria

E ainda assim, apesar de todas as dificuldades, renúncias, orgulho-me muito da minha trajetória, no IFTO e no curso de Licenciatura em Pedagogia me abriram muitas portas, hoje trabalho na área da educação como Auxiliar de Educação Infantil, fiz alguns concursos e obtive aprovação (SEDUC-TO, 2023) e (Prefeitura Municipal de Palmas – SEMED, 2024), sou pesquisadora tendo trabalhos apresentados na 14ª edição da JICE, no Congresso Internacional das Licenciaturas COINTER 2023, em Recife, CONNEPI 2024, em Belém - PA, ETEM - Encontro Tocantinense de Educação Matemática, em Arraias - TO, 2024, e aprovação de trabalhos no COINTER 2025, na UFAL, em Maceió - AL..

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato reafirma que estudar no IFTO sendo mãe de três filhos, uma mulher negra que vive a maternidade solo e sem rede apoio, é mais que um ato individual, é um gesto coletivo de resistência. Cada presença minha nas aulas é também a presença simbólica de outras mães que, por barreiras estruturais, não conseguem estar ali.

Ao compartilhar minha experiência, espero contribuir para que as instituições de ensino reconheçam a maternidade negra como parte legítima da vida acadêmica e adotem políticas que favoreçam nossa permanência. Isso inclui creches universitárias ou espaços kids, apoio financeiro, flexibilização de horários e um currículo que dialogue com nossa realidade.

Como afirma hooks (2013) "quando a educação é prática da liberdade, ela se torna um ato de amor". E é com esse amor, pelo conhecimento, pelos meus filhos e pela comunidade negra que sigo resistindo e tentando transformar o espaço acadêmico.

## 6 AGRADECIMENTOS

Agradeço ao IFTO pelo apoio para que eu pudesse participar deste evento, à minha professora-orientadora Sônia Morais, sem ela, seu incentivo e suas orientações este relato não seria construído, também agradeço aos meus filhos, sem eles este relato se quer existiria.

## REFERÊNCIAS

Abrahão. M.H.B.. (Org.) **Pesquisa (auto) biográfica: teoria e empiria.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

Carneiro, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** São Paulo: Geledés, 2003.

Gomes, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos por lutas de emancipação.** Petrópolis: Vozes, 2017.

González, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020 [texto original de 1988].

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação.** São Paulo: Elefante, 2019.